

Ao longo do ano de 96, vieram à luz, em diferentes publicações brasileiras, três artigos que têm como propósito abordar as relações entre Freud e Goethe. São eles: "Sob o olhar de Goethe", de Daniel Delouya; "Goethe e Freud", de Henrique Honigsztejn e "Mefistófeles no divã", de Sérgio Paulo Rouanet.

Isto que parece uma (feliz) coincidência, talvez seja menos fruto do acaso do que prova do fascínio que a formação afetiva e intelectual de Freud continua a exercer sobre analistas e estudiosos da Psicanálise. O ambiente cultural, os assim chamados "precursores" das descobertas psicanalíticas, a vida íntima de Freud, suas relações factuais e fantasmáticas com os inúmeros personagens que compõem o drama freudiano - família, amigos, pacientes, colegas, discípulos - tudo isso constitui uma área de pesquisa mais ou menos bem delimitada dentro da História (e mesmo da Epistemologia) da Psicanálise, e que segue alimentando as investigações - e o imaginário... - daqueles que a ela se dedicam.

Neste cenário, a figura de Goethe aparece com destaque, e não apenas por ser quase um mito da cultura alemã, objeto de veneração desde o tempo em que ainda vivia; de fato, as afinidades entre Goethe e Freud se tecem num nível muito particular, como bem o demonstram os textos recém-publicados.

Três olhares sobre a relação Goethe/Freud

Resenha de Daniel Delouya, "Sob o olhar de Goethe", in Percurso, ano VIII, n. 16, São Paulo, 1996, p. 15-23; Henrique Honigsztejn, "Goethe e Freud", in M. Perestrello (org.), A formação cultural de Freud, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p.239-259; Sérgio Paulo Rouanet, "Mefistófeles no divã", in N. Pellanda & L. Pellanda (org.), Psicanálise hoje: uma revolução no olhar, Petrópolis, Vozes, 1996, p. 535-556.

O propósito desta resenha é, pois, bastante simples: apresentar e comentar criticamente cada um dos artigos, de modo a instaurar um diálogo entre eles; porém, ao percorrer pontos de vista dos três autores em questão (Delouya, Honigsztejn e Rouanet), talvez apareça, em filigrana, algo de meu próprio olhar sobre o problema.

I

Daniel Delouya se propõe a examinar as contribuições de Goethe para a invenção do método psicanalítico; para tanto, vai investigar as origens deste método, levando em conta também o caráter poético da escrita freudiana. Método e escrita estariam relacionados a Goethe, que "...ocupou lugar significativo nas identificações do fundador da Psicanálise" (p. 15)¹. Após levantar algumas semelhanças biográficas - ambos faleceram aos 83 anos, são primogênitos de mães jovens e pais idosos, perderam irmãos quando crianças, etc... - Delouya alude a um evento decisivo quando se trata deste

assunto: Freud resolveu cursar Medicina após ter ouvido a leitura de um ensaio de Goethe intitulado *Die Natur* (A Natureza). Vê aí uma aspiração pré-consciente e inconsciente do jovem Freud a se tornar um grande homem como Goethe, simultaneamente artista e cientista, sem repudiar as forças eróticas.

Em seguida, faz uma rápida incursão pelas teorias científicas de Goethe, cujos principais temas são a luz (Goethe sustenta, contra Newton, que a luz branca é fenômeno primário e irreduzível) e a biologia (área em que postula a existência de um protótipo primordial, matriz una de toda a diversidade posterior). Explica o autor: "A metamorfose, da qual falava Goethe, não era um processo histórico-temporal, mas metafísico: seus *Ur* (protoformas de plantas e animais) são 'idéias' que se materializam nas várias formas

reais dos organismos" (p. 17); a tarefa do cientista seria, pois, "recuperar o uno da origem" (p. 17). Ao descrever o Goethe-cientista, Delouya não esconde sua posição: por recusar os procedimentos experimentais (e crer, ao contrário, na possibilidade de uma apreensão imediata dos fenômenos pelos sentidos), por rejeitar a análise e quantificação, Goethe não garante um lugar na ciência moderna. Ao contrário de Freud, que endereçaria aos objetos um olhar analítico, Goethe se dirige para a natureza com um olhar que Delouya bem caracteriza como sintético/estético.

A partir deste momento, o artigo muda totalmente de feição. Delouya se volta para o exame de um período da juventude de Freud, entre 1873 (quando se deu a opção pela medicina) e 1882 (saída do laboratório de Brücke). Vai buscar aí o processo de mudança que afasta Freud de suas tendências filosóficas e que talvez explique algo das relações conflituosas que futuramente manterá com a arte e filosofia. Para isso, se detém longamente na correspondência com Martha, Emil Fluss e Eduard Silberstein. A meu ver, esta parte do artigo² é hipertrofiada em relação ao tema e à sua proposta original. Mais do que um longo desvio, a investigação aqui é de outra natureza: o autor envereda por um tipo de trabalho que centra o foco na biografia e auto-análise de Freud, tentando articular os elementos aí obtidos com certas características ou aspectos da obra. Ele nos mostra, principalmente, como a irrupção da sexualidade no Freud adolescente foi vivida como algo nocivo, verdadeira ameaça à integridade do eu e do corpo; é por isso que Freud teria passado a negar sua sexualidade, investindo maciçamente nos estudos.

Neste ponto, começa a se anunciar uma tese no mínimo muito discutível. Diz ele: "Mas Freud não permanece na defensiva, nem deixa a situação evoluir para uma cisão, como ocorre em Goethe" (p. 21). Deixando de lado, deliberadamente, o resto do argumento que diz respeito à análise da sexualidade de Freud (e suas relações com os rumos profissionais)³, perguntamo-nos sobre o sentido de tal afirmação; parece ser, salvo engano, que Freud passou de uma postura defensiva em relação ao corpo e à sexualidade para uma postura ativa (manifesta na atitude de pesquisa), enquanto Goethe não teria chegado a dar este passo. Mas onde estaria, exatamente, a "cisão" de Goethe? Na recusa em abordar a natureza pelo método experimental? Na postura de não perscrutar a "mãe-natureza" de maneira mais incisiva? Se for assim, como o endosso de uma posição filosófica (aliás predominante em sua época) pode ser tão rapidamente interpretada em termos de psiquismo individual? É lícito apontar uma "atitude defensiva" em Goethe ou será que estamos às voltas com uma pequena amostra de psicanálise selvagem?

Logo adiante, o mesmo tipo de formulação cujos fundamentos permanecem obscuros: "Foi Freud (e não Goethe) quem harmonizou e combinou em vida e obra, e no método que inventou, a arte a a ciência" (p. 22). Bem, é certo que Freud alcançou tal integração, mas porque se nega a Goethe a mesma façanha? Será que é porque não logrou conquistar um "lugar na ciência moderna"?

Ora, não é porque a ciência de Goethe não segue os cânones da cientificidade então emergentes que se pode descartar suas contribuições e, menos ainda, interpretar suas convicções como fruto de mecanismos defensivos. As idéias de cunho panteísta, monista, a crença na intuição imediata, a aspiração à totalidade, a busca da unidade original - tudo isso se encaixa perfeitamente no quadro da filosofia e da ciência romântica. É recomendável, pois, evitarmos o erro de avaliar os princípios, procedimentos e resultados obtidos numa certa moldura histórica, tomando como metro os padrões instituídos e validados em outro contexto. Assim, não é com tranquilidade que nos deparamos com frases do tipo: "Freud superou Goethe, embora não pudesse admitir isso..." (p. 23).

Este rápido comentário sobre o texto de Delouya focalizou, sobretudo, os pontos mais polêmicos do trabalho, de modo que remeto o leitor diretamente à fonte caso queira um acesso mais detalhado à argumentação minuciosa e refinada do autor. Passemos agora à apresentação do texto de Henrique Honigsztejn, que será feita nos mesmos moldes, isto é, selecionando e discutindo alguns pontos mais problemáticos.

II

Desde logo convém alertar que a prosa de Honigsztejn caracteriza-se por um estilo mais alusivo do que assertivo, de modo que não raro nos defrontamos com afirmações excessivamente vagas e/ou genéricas, como terei a oportunidade de ilustrar com alguns exemplos; além disso, o artigo - e o leitor! - mereceriam um trabalho editorial mais cuidadoso: esbarra-se na falta de uniformização na apresentação das citações (por vezes, seu início não é sequer indicado), em rodapés ambíguos e, incômodo maior, num português rebuscado, principalmente nas traduções de excertos de Goethe.

O trabalho de Honigsztejn visa, segundo ele mesmo, apontar a influência de Goethe sobre Freud (p. 229)⁴. De início, então, apresenta a concepção goetheana sobre a *observação* e sobre o *contato com o objeto* de estudo; simultaneamente, vai propondo algumas analogias com os procedimentos da psicanálise, como a "visão igualmente calma" (p. 231) sobre a natureza e a atenção flutuante. Do mesmo modo, o abandono da hipnose (com a concomitante disposição de Freud em ver/escutar as históricas) é assimilado à idéia goetheana segundo a qual cada vez que um objeto é bem contemplado, abre-se em nós um novo órgão. Bem, é certo que tanto Freud quanto Goethe admitem que o observador seja afetado/transformado pelo e no contato com o objeto de conhecimento, mas estas analogias não parecem muito convincentes - talvez porque a tese a elas subjacente seja bastante discutível.

A tese do autor pode ser assim resumida: "Posso escrever sem medo de ser pomposo (sic): Goethe e Freud inauguram, na ciência natural, um; na ciência humana, outro, um modo especial de relação com o objeto. O objeto ganha o destaque que cabe a um componente de uma relação que se pretende existente. O objeto deixa de ser um acessório, como que inanimada coisa para exame, para ser o originador do desenvolvimento naquele que dele se aproxima buscando vê-lo bem (isto é, sem gostos ou desgostos, simpatias e antipatias, etc...)" (p. 235).

Vê-se, pois, que estamos diante de um ponto de vista oposto ao de Delouya: enquanto este discrimina as diferenças entre os procedimentos metodológicos de Goethe e Freud, Honigsztejn aposta, senão na identidade, ao menos na forte analogia entre eles. É isto que lhe permite afirmar que ambos pretendem "...encontrar o objeto em sua plenitude" (p. 239), captá-lo em sua realidade dinâmica (ex: associação livre) e que compartilham uma visão não-utilitária do objeto (ex: abstinência do analista). É notável como sempre que Honigsztejn se refere à relação de Freud com o objeto, remete-se a exemplos da esfera *clínica*, como se objeto da psicanálise fosse idêntico a objeto de intervenção do psicanalista! Ora, uma certa mística do contato com o paciente dificilmente se aplica às especificidades (e à aridez analítica) da teorização metapsicológica. Além disso, o *setting* parece ser entendido pelo autor como o ambiente natural no qual o objeto se expressa pura e plenamente, mais do que um conjunto de condições artificialmente criadas para que ele se torne visível.

Assim, Honigsztein fala e pensa quase que exclusivamente no registro relativo ao tratamento, e é nesta faixa temática que aproxima Freud e Goethe. Porém, a meu ver, o suposto anseio de ambos em "...contatar os fenômenos em sua realidade, não por um derivado que acaba por torná-los pálidas sombras" (p. 243-244) não se aplica ao entendimento freudiano de conceitos cruciais, como os de pulsão e inconsciente, por exemplo.

De qualquer modo, Honigsztein acerta ao dizer que Freud e Goethe foram criadores de novas ciências, graças à possibilidade de forjarem hipóteses ousadas e, simultaneamente, enraizadas na experiência. Em compensação, o estatuto do objeto psicanalítico é algo bem confuso no artigo: ora é objeto real, ora é construído pelo investigador. E mais: o autor afirma que "... a natureza não esconde, revela. Goethe e Freud compartilham essa visão. Os sintomas, os sonhos não escondem - revelam a quem tem olhos para ver, ouvidos para ouvir. Revelam ao que tem calma. Ao que pode esperar a paciência fazer seu trabalho perfeito" (p. 257). Ora, consta que no mundo freudiano os fenômenos exigem interpretação, pois não são o que aparentam ser; a dita "revelação" é fruto de esforço do intérprete, e não de atributos "zen" que acaso ele venha a possuir...

Já ao final do artigo, afirma-se que Freud e Goethe possuem uma visão dualista de mundo, dualismo este que se encaminha para um monismo. Ora, dificilmente se poderia sustentar tese mais controversa: em princípio, nem Goethe é dualista, nem Freud, tampouco, monista! Enfim, em Honigsztein, as afinidades entre Goethe e Freud são estabelecidas em termos genéricos e superficiais, embora, nem por isso, pouco polêmicos.

III

Já o ensaio de Rouanet é nada menos que luminoso, certamente destinado a se tornar uma referência básica no assunto. Movendo-se com o rigor e a elegância que lhe são habituais, o autor divide seu ensaio em três partes. Na primeira, examina a presença de escritores na obra de Freud, segundo três registros⁵: *hermenêutico* (em que fragmentos de uma obra são tomados como objetos a serem interpretados), *clínico* (em que escritores e suas obras aparecem nos sonhos, lapsos e chistes de Freud ou de seus pacientes) e *legitimatório* (em que são convocados como precursores e aliados, de modo a confirmar as descobertas psicanalíticas).

A presença de Goethe nos três registros é, no entanto, excepcional em relação a de outros autores. Goethe aparece com destaque principalmente no registro legitimatório: "Quando Freud vai dizer uma coisa especialmente chocante, há boas possibilidades de que apareça, em epígrafe ou no texto, uma citação de Goethe" (p. 541). De fato, Rouanet demonstra com inúmeros exemplos o quanto "...é impressionante o número de afirmações da psicanálise para as quais Freud busca o aval de Goethe" (p. 542): a força das primeiras relações afetivas, a estrutura dos sonhos e do inconsciente, a bissexualidade humana, o último dualismo pulsional, a teoria do chiste, a herança filogenética de experiências pré-históricas, etc... Em suma, Goethe cobre "com seu manto tutelar" parcela significativa das propostas freudianas.

É, no entanto, em sua terceira parte que o artigo ganha em força e originalidade. Rouanet postula que há uma diferença fundamental entre Goethe e os demais escritores mencionados na obra freudiana, pois *Freud identifica-se com ele*. Diz o autor: "Continua sendo verdade que Goethe ajuda Freud a adquirir respeitabilidade no mundo austro-alemão (...). Mas não parece que essa referência tenha um caráter abertamente tático e instrumental, como no caso dos outros autores. *Goethe confirma Freud pela simples razão de que Freud se via como um segundo Goethe e tinha construído um Goethe que era um outro de si mesmo*" (p. 546, grifos meus). Ou seja: algo que é costumeiramente dado como evidente, vai ser agora objeto de uma minuciosa demonstração.

Rouanet passa à apresentação dos indícios que confirmam a existência da identificação, e o faz em vários níveis: o paralelismo dos destinos (afinidades que o próprio Freud percebe ter com Goethe), que inclui a dupla vocação (escritor e cientista), uma reconhecida e outra incompreendida pelos contemporâneos, e assim por diante. A identificação chega a ser tão extrema que, em alguns momentos, ocorre um processo de substituição⁶; não falta nem mesmo a ambivalência, traço característico de qualquer identificação.

Freud chega ao "requinte" de criar para si um Goethe-"psicanalista", conforme se depreende do discurso de 1930 ("O Prêmio Goethe"). Rouanet examina cuidadosamente os dois episódios de "atuação terapêutica" de Goethe (a "cura" de uma senhora hipocondríaca e a experiência com Plessing, um jovem escritor) e conclui que a postura de Goethe em ambos os casos não tem rigorosamente nada a ver com a atitude psicanalítica. Daí a questão: "Por que, então, Freud sente a necessidade de investir Goethe

dos atributos de um psicanalista? Por que sem isso a identificação ficaria incompleta. Para que Freud pudesse se tornar um novo Goethe, era necessária uma última operação: inventar um Goethe que já fosse, de alguma forma, a prefiguração de Freud" (p. 550).

Em seguida, o autor examina a natureza e a função desta identificação tão duradoura; propõe que Freud teria construído um "romance familiar" no qual Goethe ocuparia o lugar de um pai ilustre e, ainda por cima, cristão. É então que nos encaminhamos para a parte final do artigo, a mais instigante e, talvez, a mais vulnerável.

Em busca da origem desta identificação, volta-se a 1873, quando a escuta de *Die Natur* teria operado uma conversão no jovem Freud, suscitando uma *vocação*, na dupla acepção de "profissão" e "chamamento". O autor se pergunta, então, pelo destino deste ensaio que deflagrou a identificação: teria continuado a surtir efeitos?

Rouanet se dirige ao exame de "A Natureza", não sem antes advertir: "Um choque está a nossa espera: *o ensaio de Goethe fervilha de temas e idéias que a teoria psicanalítica elaboraria nos próximos cem anos*" (p. 552-553, grifos meus). Isto é, o autor acredita que há numerosos e significativos pontos de contato entre este escrito goetheano e desenvolvimentos psicanalíticos posteriores; "... para perceber as semelhanças, basta em geral substituir o que Goethe chama de 'natureza' por 'natureza interna', ou, simplesmente, aparelho psíquico" (p. 553). Ora, é justamente

este ponto que exige cautela, tornando vulnerável tal proposta: convenhamos que esta operação não é tão simples de ser realizada, pois a *necessidade de permutar 'natureza' por 'natureza interna' indica, no mínimo, uma heterogeneidade irreduzível das teorias em questão!*

Passa-se então à enumeração dos doze aspectos em que a descrição da "natureza" por Goethe evoca características atribuídas ao psiquismo por Freud. Dentre os mais significativos, estão a opacidade e estranheza ao investigador, a diversidade de linguagens na qual se expressa, a existência de necessidades que renascem continuamente, o movimento incessante de construção e destruição, a importância do amor, a temporalidade peculiar, a dialética do mesmo/diferente e igual/novo.

De fato, a listagem é impressionante e certamente convide outros pesquisadores a checarem mais de perto estas semelhanças. O próprio Rouanet constrói suas hipóteses para explicar a eficácia e a perenidade destas idéias de Goethe na obra de Freud, mas o faz com extremo cuidado. Vale a pena reproduzir em citação: "Tantas convergências não podem ser acidentais, mas sua interpretação é arriscada, porque não temos dados suficientes. Podemos conjecturar, no máximo, que o ensaio de Goethe (...) gerou dois processos distintos, ambos inconscientes. O episódio da leitura foi o fato inicial do processo de identificação (...). Mas o conteúdo do ensaio em si escapou à memória superficial de Freud e permaneceu como reminiscência inconsciente, como fantasia científica, e a esse título pode ter funcionado como força motriz para o seu trabalho teórico. Não é impossível que muitos fenômenos encontrados em sua prática clínica tenham recebido interpretações condicionadas por essas lembranças inconscientes. Com isso,

produziram-se, a posteriori, verdadeiras semelhanças, não percebidas por Freud, entre os dois autores, enquanto as semelhanças que ele percebeu foram em grande parte imaginárias" (p. 554).

Eis então o grande mérito deste trabalho: ao investigar profundamente a identificação Freud/Goethe, o autor consegue distinguir as semelhanças construídas por Freud, daquelas realmente operantes em sua obra.

IV

Três olhares diferentes sobre o mesmo assunto, cada qual com seus encantos e problemas. Todos os artigos resenhados admitem, em maior ou menor medida, uma certa eficácia de Goethe sobre Freud. Mas, para além disso, os trabalhos de Delouya, Honigsztejn e Rouanet diferem muito em estilo e nas posições que sustentam. Honigsztejn celebra sem reservas as semelhanças entre Freud e Goethe, chegando a estabelecer analogias discutíveis; Delouya discrimina diferenças, mas as associa, no limite, a um julgamento de valor. Por fim, Rouanet se aprofunda no exame dos pontos em comum, compreendendo, por assim dizer, uma tarefa de *discriminação das semelhanças*. É por isto que podemos considerar "Mefistófeles no divã" o mais instigante e equilibrado dos trabalhos aqui comentados.

Note-se que os três autores em questão situam-se inequivocamente no campo psicanalítico, de tal forma que *olham para Goethe a partir de Freud*. Ora, o que veríamos se nos colocássemos em outra perspectiva? Se examinássemos, por exemplo, Goethe e Freud como dois expoentes do pensamento alemão, a partir da História das

Idéias? Talvez aparecesse ainda uma outra semelhança entre eles, e é com esta sugestão que gostaria de encerrar essa resenha.

Tanto Goethe quanto Freud são autores que se furtam a qualquer tipo de classificação mais estrita. Tenho em mente, por exemplo, a interminável querela sobre o classicismo ou romantismo de Goethe. A tradição germanística se apegava às declarações de Goethe (de que classicismo é saúde e romantismo, doença) e insiste em concebê-lo como clássico; do outro lado, críticos credenciados como René Wellek sustentam, com critérios convincentes, que Goethe é, definitivamente, um romântico. Obviamente, importamos menos a verdade de uma ou outra concepção, e mais aquilo que a existência desta discussão evidencia: na obra goetheana se entrecruzam e se amalgamam tendências diversas (e freqüentemente contraditórias) do pensamento ocidental.

O mesmo acontece em Freud: positivismo e antipositivismo, racionalismo e irracionalismo, ciência natural ou do espírito, naturalismo ou subjetivismo, energética ou hermenêutica - multiplicam-se ao infinito as características antitéticas supostamente presentes no pensamento freudiano⁷.

Ora, isso mostra que estamos diante de pensadores híbridos, cujas obras se caracterizam por uma tensão indissolúvel entre os aspectos tão díspares que abrigam. Talvez seja esta a fonte de seu frescor e do espantoso poder de, ainda hoje, mobilizar nosso pensamento.

Ines Loureiro é socióloga e psicóloga, mestre em Psicologia pela PUC/SP, e doutoranda na mesma instituição.

NOTAS

1. A identificação de Freud com Goethe é, aliás, uma das poucas unanimidades entre os três autores resenhados.
2. Desenvolvida por Delouya nos sub-itens "Universidade e sexualidade" e "A psicanálise".
3. Mesmo porque este tipo de investigação que insiste em esquadriñar a vida de Freud (e submetê-lo à análises intermináveis...) não é passível de reprodução ou paráfrase.
4. No final do artigo, Honigsztejn sintetiza: "O que considero a grande influência de Goethe sobre Freud é o seu ser, expresso em sua vida e em suas obras: sua intensidade de vida, seu dinamismo, sua volúpia em conhecer, em se aprofundar em tudo o que a Natureza (...) lhe permitia ver; sua ligação com os outros seres humanos, indispensáveis para seu auto-conhecimento e desenvolvimento; seu desgosto por estereis especulações (...); a liberdade em fantasiar (...). Freud encontrou em Goethe alguém que lhe possibilitou a abertura de novos órgãos para ver, ver, ver" (p. 257).
5. Rouanet já havia proposto a discriminação dos registros hermenêutico, clínico e legitimatório em artigo intitulado "Filósofos e escritores alemães", publicado na coletânea organizada por M. Perestrello *A formação cultural de Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.
6. Na página 550, encontra-se um interessante "cochilo" da revisão, ao que parece também envolvida no jogo de identificações: a troca (substituição...) de "Goethe" por "Freud".
7. Dentre os inúmeros textos que poderiam ser consultados a esse respeito, ver "Viena e as origens da Psicanálise", de Renato Mezan, na coletânea acima citada.